

A CITAÇÃO DIRETA DE FALA COMO MARCA DE EXPRESSIVIDADE

*Hudinilson Urbano**

RESUMO: *Muitos são os recursos de expressividade da língua falada. No presente trabalho, destaca-se o do discurso direto, mais bem denominado **citação de fala**, que nela se manifesta com características próprias de um procedimento mais espontâneo e menos sistemático do que na língua escrita, inclusive com soluções construídas localmente durante a própria interação. Por seu intermédio, o narrador de experiência pessoal, manifesta seu grau de emoção e obtém um grau especial de envolvimento do seu interlocutor.*

Palavras-chave: *Língua oral, citação direta de fala, expressividade*

O falante, por sua fala, faz ecoar sua imaginação e sensibilidade, talvez mais do que suas próprias idéias. Para tanto, utiliza muitos dos predicados que a língua falada oferece. Nesse sentido, conhecendo-se esses predicados, conhece-se melhor a dimensão humana, individual e socialmente falando.

Parece-nos pacífico que a língua falada, de matiz culto ou popular, caracteriza-se por um grau de expressividade muito maior do que a língua escrita. Ademais, os recursos de expressividade de uma e outra modalidade apresentam origens e características normalmente muito diferentes, mesmo na linguagem escrita literária. Basta considerar as metáforas literárias em confronto com as metáforas populares, para cuja compreensão, com o devido ajuste, vale a observação de Dino Preti (Preti, 1984:124) quanto ao processo metafórico da linguagem erótica, como reflexo de uma tendência popular:

(*) Professor Aposentado do Departamento de Letras Clássicas, FFLCH/USP.

*“O processo metafórico da linguagem erótica reflete bem uma tendência popular: o uso de um mecanismo figurado essencialmente primário, de **fundo emotivo**, no qual, quase sempre, se evoca um objeto concreto por uma imagem também concreta, valorizando uma de suas propriedades, talvez a mais expressiva. (grifos nossos) (p.124)*

A expressividade na língua falada – e estamos pensando principalmente na fala conversacional – é particularmente ponderável e está ligada à capacidade de os falantes manifestarem suas emoções e de despertarem nos parceiros análogos sentimentos, isto é, a capacidade de expressarem e provocarem sentimentos. Naturalmente, a expressividade dificilmente tem autonomia em relação à finalidade precípua da conversação, que é intercambiar mensagens com fins de comunicação. Todavia, sendo inerente à fala, coincide com, ou reforça a função representativa. Na perspectiva em que estamos tomando o termo, corresponde às funções que, na visão de Bally e de tantos outros, retomada por Mattoso Câmara, são objetos da Estilística. Pode-se, pois, falar numa perspectiva de análise de orientação estilística da conversação, como, de certa forma, sugere Martins, quando inclui na sua obra *Introdução à Estilística (a expressividade na língua portuguesa)* o capítulo “A estilística da conversação” centrado nos estudos dos discursos direto/indireto analisados, porém, sob a ótica da intertextualidade.

DISCURSO DIRETO OU CITAÇÃO DE FALA

Muitos são os recursos ou marcas de expressividade que emolduram a língua falada. Em relação à língua em geral, a língua falada possui, além de outros de variada natureza, recursos expressivos específicos, como a acentuação, a entonação, pausas, fluência... Entre eles, destacamos, para as presentes considerações, o discurso direto. Aqui preferimos a denominação **citação direta de fala**, ou simplesmente, **citação de fala**, que nos parece mais compatível com os estudos sobre língua falada, onde esse recurso se manifesta com características próprias de um procedimento mais

espontâneo e menos sistemático do que na língua escrita, dentro da qual, aliás, ele nada mais é do que uma reprodução, representação ou transposição da língua oral. Numa conversa, a fala transposta de outra fala anterior apresenta-se com animações e soluções construídas localmente pela e durante a própria interação.

Trata-se de fala muitas vezes “teatralizada” pelo próprio narrador da narrativa de experiência pessoal, que carrega de grande expressividade não só esse procedimento, mas toda a sua linguagem conversacional, e, em particular, sua narrativa ou certos lances dela, manifestando seu grau de emoção e obtendo um grau especial de envolvimento do seu interlocutor.

O discurso direto ou citação de fala na verdade faz parte da estrutura da narrativa oral e a narrativa oral, por sua vez, apresenta vários pontos em comum com a narrativa escrita. Na narrativa, mesmo oral, a citação de fala não desempenha evidentemente apenas essa função de meio expressivo, mas indiscutivelmente produz, de forma sensível e notória, esse efeito. Aliás, podemos entender a expressividade como um componente do valor comunicativo das citações de fala na conversação, se por expressividade entendermos, entre outras coisas, a obtenção da atenção especial do interlocutor. Graciela Reyes (Reyes, 1993:28), nas suas conclusões do valor comunicativo da citação direta na conversação, assim entende:

“As citações diretas das narrativas orais espontâneas (...) tentam, entre outras coisas, simplificar uma conversação extensa, tornar intelegível o complicado, e provocar certos efeitos, especialmente de manter a atenção do interlocutor, atualizando o relato, dramatizando-o.

Em comparação com o discurso indireto, a expressividade do discurso direto já tem sido amplamente reconhecida na língua literária. Citemos Othon M. Garcia (Garcia, 1980: 131), um dos estudiosos que mais didaticamente estudou e teorizou esse assunto:

*“O discurso direto permite melhor caracterização das personagens, com reproduzir-lhes, de **maneira mais viva**, os matizes da língua **afetiva**,*

as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos, etc)
(grifos nossos)

Dentro de outra perspectiva, Marcuschi, lembrando Tannen, diz, à guisa de apontar uma função à citação de fala, que ela não passa de um diálogo construído pelo falante como estratégia discursiva para o enquadramento da informação com o objetivo de criar envolvimento e eficácia comunicativa. Ora, cremos que “criar envolvimento” implica que a estratégia seja um recurso particularmente expressivo.

Como sabemos, o discurso direto é uma estratégia discursiva de grande efeito na estrutura narrativa, “presentificando” a personagem idealizada no texto literário ou o falante real ausente na narrativa produzida pelo falante presente na conversa. Ademais, tratando-se de um enunciado sintaticamente autônomo, favorece a reprodução mais autêntica e expressiva da fala de outrem.

Não temos aqui preocupação com a citação de fala como uma das estratégias de construção do texto falado, mas sim como mais um dos recursos de expressividade que a língua falada possui. Evidentemente aquele aspecto serve de pressuposto para o desenvolvimento e a compreensão deste.

Por outro lado, vamos ater-nos, em princípio, apenas à fala em si e não à sua contextualização toda, salvo em algum caso particular.

ANÁLISE DE CASOS

Para demonstrar o efeito expressivo que o recurso em questão pode provocar rastreamos o Inquérito D2 nº 333, constante no V.II, da coleção *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, publicada pelo Projeto NURC/SP.

Trata-se de um diálogo entre duas mulheres de 60 anos cada: uma jornalista e outra escritora, intermediadas pela documentadora – na realidade, uma interlocutora não espontânea, cuja tarefa era

sobretudo suscitar temas. As informantes conversam sobre cinema, TV, rádio e teatro.

As informantes são pessoas não só cultas, mas sobretudo lingüisticamente preparadas, que fazem da própria linguagem escrita seu instrumento de trabalho. Nota-se seu natural desempenho lingüístico culto, com vocabulário, sintaxe e dicção cuidada. Mas são pessoas desinibidas, traquejadas e, graças ainda ao seu grau de intimidade, bastante espontâneas e naturais, condições suficientes para permitir, excepcionalmente, uma conversa mais ou menos solta, entusiasmada e muito interativa, com muitas interrupções, sobreposições, segmentos colaborativos, sombreamentos¹ e liberdade de participação, num diálogo em princípio simétrico, mas que registra também longos turnos, na sua grande maioria por parte da informante jornalista (L1).

O inquérito registra mais de vinte ocorrências de **citação de fala**, a saber: linhas 39 a 40, 146 a 147, 175 a 176, 229 a 235, 267-279 a 285, 287 a 293, 295 a 296, 306 a 309, 425 a 445, 456 a 462, 658 a 662, 960-961, 964-965 e 968 a 971. Muitas são as ocorrências encadeadas que a simples observação delas e as respectivas linhas arroladas facilmente revelam:

	Linha	Loc.	Ocorrências²
(1)	38	L2	<i>(...) quando: : um: : ... locutor ia fazer um teste... o: : ... chefe dizia a ele... "diga aí os ef/ os esses e os erres"... esse era o teste...</i>
(2)	145	L1	<i>mas é por isso que eu digo que a a às vezes a gente diz "bom esses artistas deviam de cursar... a a Escola de Arte Dramática"...</i>

(1) Sombreamento: produção de um segmento por um locutor, repetindo igual segmento do locutor anterior, mas com uma diferença mínima de tempo:

L2 (...) o esse e o erre exagerados dos cariocas

L1

¹ dos cariocas (l.55-56)

(2) As citações diretas são reproduzidas em negrito. As fitas transcritas, na publicação do Projeto NURC/SP foram reouvadas, melhorando-se a transcrição e acrescentando-se inclusive detalhes descritivos.

“mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste pais continente neste exato momento... naquela

460 **hora - - parece que não sei se era oi/ dez da noite - - dez da oite... o: : as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas...estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa... e por falar nisto... eu dei(...)**

(10) 473 L1 (...) então eu me pergunto eu não sei se vocês estão lembradas daquele jargão do Odorico Paraguçu... que falava **“apenasMEN::te”**... 475 **é “a moribundíce DE::le”“a mo/”** ((rindo)) eu me

(11) 657 L1 (...) até achei graça uma amiga minha disse... **“eu gostei muito do filme... porque ele tem sobretudo... uma cafonice** 660 L2 **bem brasileira** ((rindo))... bem brasileira L1 **retratando determinado mundo”**...

(12) 960 L1 **éh: : e eu costume dizer...éh “ se no principio era o verbo agora é a ima: : gem”**... a imagem está realmente determinando ... e : : : o Bethowen dizia quando... lhe perguntavam né? o que ele queria expressar com determinada sinfonia **“se eu pudesse fazer com palavras não faria com música”** ((riso)) 965

(13) 966 L1 (...) eu acho que hoje o que se pode fazer com a imagem não se deve fazer com palavra... porque ela é muito mais imediata... se eu disser éh **“em tal região do Brasil uma criança tem fome”** ah a pessoa lerá o jornal e dirá... **“bom ela é uma jornalista Exagerada”** pode poderá até me chamar de subversiva ... agora vai um cinegrafista... filma uma criança a Fome da criança... e põe no vídeo é uma fome Irretorquível e INsofismável 970

O trecho de nº 8 parece ser um dos mais expressivos em termos de aproveitamento do recurso sob análise, razão por que vamos iniciar por ele. Trata-se de uma das narrativas de L2, onde ela con-

ta uma conversa ocorrida em Florianópolis entre ela e uma rendeira a respeito de uma novela de TV. Nas linhas 425-426, L2 reproduz a fala inicial da rendeira:

**“ahn: : da/dona : : ahn : : façavor de me dizer
uma coisa... a a senhora a senhora vê novela?”** ((em tom mais baixo))

Como se pode sentir, sobretudo ouvindo a gravação, L2 reproduz essa fala da rendeira com total dramaticidade: a emissão, já claudicante e hesitante revelada pelos elementos verbais e prosódicos (repetições: **ahn, ahn / a a senhora**; alongamentos: **dona: : ahn: : ;** corte de palavra mal projetada: **da/**), é realizada com preocupação imitativa e em tom bem mais baixo – sussurrando mesmo – em relação ao tom da narração corrente, como que confidenciando. A resposta de L2 (**“vejo”**) foi produzida em tom normal, bem como a nova pergunta da rendeira: **“que que a senhora tá vendo?”**(1. 427)

L2, a narradora, prossegue citando a pergunta complementar da rendeira:

“escute uma coisa por favor me diga ... a Maria morREU?” (linhas 429-30).

A citação continua sendo teatralizada: a primeira parte (**“escute uma coisa por favor me diga”**), preparatória da pergunta propriamente dita, é proferida com velocidade maior que o resto e em tom mais baixo, embora não tanto quanto o da fala inicial da rendeira; a segunda parte (**a Maria morREU?**), com velocidade normal, mas com uma entonação expressivamente crescente, revelando a clara ansiedade. Não interessa aqui conjecturar se a rendeira teria ou não se expressado realmente dessa maneira modalizada. Se teria, esse nível de expressividade é da responsabilidade da rendeira; se não, é da narradora.

O resto da conversa sob narração revela ainda lances curiosos não só sob o aspecto da expressividade do relato, como também

das estratégias discursivas: na l. 435 (**“Maria morreu”**) observa-se o envolvimento de L1, a ponto de ela assimilar a fala citada da rendeira, repetindo-a, e na l. 445, semelhante envolvimento, quando L1 “engata” colaborativamente um segmento – sintático e semanticamente conclusivo – da fala hipotética da própria L2 à rendeira: **“se Maria morreu ou não”**

A expressividade constatada, mais do que evidenciada pela análise, pode ainda ser avaliada por outras manifestações verbais e comportamentais dos próprios interlocutores, a saber:

- o riso franco de L1 (l. 431), como expressão de sua emoção;
- a frase opinativa e entusiasmada da própria L2: *“eu achei esta frase uma coisa COMovente maravilhosa”* (l. 432);
- a parte restante dessa mesma intervenção, mergulhada toda no riso da própria falante (l. 434);
- o claro envolvimento da interlocutora L1: rindo (linhas 431 e 434), assimilando fala (l. 435), tentando completar (l. 441) e completando (l. 445) respostas de L2 à rendeira.

Outro episódio em que ocorrem falas citadas com expressividade ressaltada é o transcrito sob o nº 06, em que L1 narra o comportamento de uma sua ex-empregada, que atendia o telefone, dizendo: **“aqui é da casa de madame H.”** (linhas 279 - 280)

Observe-se a riqueza de detalhes das falas citadas nesse trecho, seja as da empregada, seja as de L1, dentro das quais L1 reproduz, com impositação característica para imprimir maior efeito expressivo, uma fala, que se pode dizer de “segundo grau” isto é, citação dentro de citação (***casa de madame H.***). A fala argumentativamente detalhada favorece ao interlocutor a compreensão e a expressividade verbal e não-verbal, do desfecho (*aí ela pôs a mão no quadril me olhou — eu nunca hei de me esquecer isso faz tantos anos... — “por que que a senhora não quer que eu lhe dê madamia?”* – linhas 293 - 296), cujo efeito expressivo se manifesta ainda pela repetição da frase (de conteúdo já por si expressivo, sintaticamente culta - ***que eu lhe dê*** – e lexicalmente neológica - ***madamia***, proferida quase silabadamente) e pelo “riso” de ambas. (l. 300)

Analiseemos agora o tão expressivo quanto curto trecho de n° 5 (linhas 263-273). As interlocutoras faziam reflexão sobre o emprego do ‘vós’ ainda em uso no fim do século passado e início deste. Querendo ilustrar seu uso, L2 referiu-se a uma frase comum entre as amigas de sua mãe (**comei batatinha**). Ao reproduzi-la, porém, teatraliza-a, mudando inclusive a voz e ritmo: “**comei bataTIN::nha**” o que provocou riso, cremos que menos pelo conteúdo do que pelo modo como foi proferida. E, como nos casos anteriores, mais uma vez se repetiu um enunciado, como prova de expressividade (**comei batatinha**) (l. 269), agora, porém, com voz e ritmo normais.

É de se destacar que L2, ao reproduzir a fala como reproduziu, parecia estar querendo justificar a impressão que tinha daquelas amigas: “*eram sempre carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas*” (linhas 264 - 265).

Considerando o texto de n° 11, parece que a fala reproduzida “rindo” (linhas 658 - 660), o foi sobretudo por causa do termo **cafonice**, portanto, expressividade no léxico. Aqui, a narração como fala reportada tem ao menos, em particular, outras causas e/ou efeitos, além da expressividade intrínseca: a) fidedignidade, b) preservação da face da narradora, na medida em que ela deixa claro que o termo é da responsabilidade da amiga. Observe-se mais uma vez a reação / participação da interlocutora, “repetindo” trecho da fala de L1.

Deixamos de analisar especificamente os trechos de n°s 1, 2, 3, 4, 7 9, 10, 12 e 13 pelos seguintes motivos:

- a) o de n° 1 pela sua expressividade praticamente neutra;
- b) os de n°s 2, 3, 4, 12 e 13 porque as ocorrências de falas citadas não estavam, de propósito ou não, claramente identificadas quanto às autorias e/ou situações de sua produção original. Talvez por isso mesmo sinalizam fraca expressividade. Quanto ao trecho de n° 13, acresce o fato de que o conteúdo já de per si é muito forte, daí expressivo, sendo difícil particularizar a expressividade dos seus recursos lingüísticos e/ou paralingüísticos em confronto com o conteúdo em si. Quanto ao trecho de n° 4 nem mesmo o segmento de fala citada enquanto tal foi possível delimitar, já pela falta de entonação particular, já pela falta das características técnicas de um discurso direto, como, por exemplo, a autonomia sintática.

c) o de nº 10, além de seus segmentos citados serem muito reduzidos, trata-se na realidade de *scripts*, sem o caráter de fala espontânea. Ainda assim, há certa modulação na voz da narradora, “esticando” as sílabas tônicas (**apenasMEN::te; a morimbudice DE::le**), no propósito de chamar a atenção para os conhecidos jargões da personagem.

d) os de nºs 7 e 9, embora as citações tenham sido introduzidas pelo verbo *dicendi* típico (dizer), na realidade trata-se não de reprodução de fala, mas sim de reprodução de pensamento (como se L1 falasse com seus botões...), o que as desqualifica para uma análise global. No caso do nº 9, L1 chega a usar o verbo *pensar* (“então eu pensava” - l. 454), substituindo-o inconscientemente, logo em seguida, para *dizer*. (“então eu dizia” - l. 455)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiscutivelmente os trechos analisados já são de modo geral envolventes pelos próprios conteúdos dos fatos relatados contidos nas falas reproduzidas. Mas, narrados com a incorporação do procedimento de citações teatralizadas das falas das personagens envolvidas com os acontecimentos, ficaram muito mais expressivos e vivos, qualidades que dificilmente alcançariam com o uso apenas do discurso indireto, onde desapareceriam os vários recursos apontados, muitos em concorrência, capazes de comover e de angariar simpatia e envolvimento.

A expressividade, como qualquer traço estilístico de modo geral, não afeta o significado, nem o restringe, ultrapassando o lado puramente referencial e comunicativo da linguagem. (ULLMANN, 1968:122) Sua relação, pois, com o conteúdo é, de um lado, de caráter negativo, conteudisticamente inócua, no sentido de não afetá-lo; de outro, é de caráter positivo no sentido de matizá-lo. De qualquer forma, como acontece com o estilo, a expressividade não pode estar em oposição ao sentido do enunciado; antes deve aliar-se a ele, o qual condiciona seu efeito. Na verdade, o sentido é como filtro que recusa reconhecer expressividade para elementos que de al-

guma forma não tenham relação com o conteúdo do texto. Os elementos, para serem expressivos, devem de alguma forma refletir aspectos do sentido.

É de se notar, por outro lado, que, com exceção do trecho de n° 10, em todas as demais citações, as falas foram introduzidas pelo verbo “dizer” o que é comum na língua oral. Trata-se de verbo puramente declarativo de elocução, expressivamente neutro. Verbos expressivos, indicando reações afetivas, seriam do tipo “gemer” “esbravejar” “vociferar” “soluçar” “suspirar”, “rir” (sobre este, ver comentário adiante) etc., muito usados na introdução de diálogos literários, valendo como verdadeiros comentários do narrador, que, portanto, interpreta a dinâmica vocal e a atitude da personagem.

Às vezes, como diz Othon Garcia (Garcia, 1980:132), autores imaginativos chegam “a empregar verbos que nenhuma relação têm com a idéia de elocução, o que do ponto de vista da sintaxe, poderia ser considerado como inadmissível, pois os *dicendi* deveriam ser, teoricamente ao menos, transitivos ou admitir transitividade. Mas a língua não é rigorosamente lógica, principalmente a falada, cuja sintaxe é ainda menos rígida. Nem precisa sê-lo para tornar-se expressiva; pelo contrário, quanto mais expressiva, quanto mais viva, quanto mais espontânea, tanto menos lógica.”

A observação de Garcia sob o uso de verbos vicários tem plena razão para a linguagem literária, para a língua falada de modo geral e para subsídio às nossas considerações sobre expressividade; no particular, porém, aplica-se ao contrário. Na verdade, no uso de verbos *dicendi*, a língua falada é bem lógica (ou prática), usando apenas verbos descritivos de elocução (“dizer” “falar”), não expressivos. A expressividade fica então toda por conta da própria fala reproduzida, mergulhada na entonação, no falseamento de voz etc. Daí, a importância da própria reprodução, cuja autonomia em relação ao verbo *dicendi* carrega a responsabilidade do efeito expressivo, compensando a inexpressividade desse tipo de verbo. A tarefa é possível, porque, entre outros motivos, as palavras da citação direta de fala são as mesmas presumivelmente proferidas pelo seu autor original. Como vimos em Garcia, esse procedimento permite reproduzir de maneira mais viva os matizes da língua afetiva, as peculiarida-

des de expressão, como gírias, modismos etc. Por outro lado, como justifica Reyes, “Como a citação direta é uma oração autônoma, não tem restrições: pode conter interjeições, interrogações, exclamações, vocativos, etc. (...) Isto faz com que no estilo direto se possam transmitir, além de conteúdos proposicionais, significados afetivos, que são de grande importância nas narrações espontâneas” (p.28) Nessa linha de considerações, podemos dizer que o discurso indireto é mais narração, enquanto o direto é mais dramatização. No caso dos nossos trechos, são notórios os elementos dessa natureza, inclusive marcadores tipicamente conversacionais: **bom** (l. 145), **olha** (l. 282), **ahh** (l. 425), **mas** (l. 455), **bom** (l. 970), **meu Deus** (l. 306), **cafonice** (l. 659)

A expressividade das falas citadas, mesmo quando não sejam introduzidas por verbos vicários expressivos, comprova-se por - mas não só - atitudes de riso como expressão de emoção, que essas falas provocam ou com as quais essas falas são produzidas ou, ainda, pelas quais os turnos ou movimentos subseqüentes são monitorados. Observe-se quantas vezes o riso aparece como reação às falas ou aparece suprasegmentalmente a elas: 268, 285, 300, 431, 434, 443, 444, 475, 660, 965.

Garcia lembra um sugestivo exemplo literário de Clarice Lispector de verbo vicário, onde esse verbo equivale, ao mesmo tempo, a um verbo de elocução e a uma palavra descritiva de comportamento não verbal, como se costuma indicar comumente na transcrição da língua oral:

“Mas não se assuste, a infelicidade nada tem a ver com a maldade, rira Joana.”

valendo o “rira” por “disse rindo” Joana

Outro procedimento das interlocutoras, que consideramos como efeito e sinalizador da expressividade das falas reproduzidas, são as repetições que ditas interlocutoras fazem de segmentos, próprios ou das parceiras, das falas citadas. Observem-se; **comei bata-**

tinha (l. 269), **madamia** (linhas 298 e 300), **que lhe dê madamia** (l. 301), **Maria morreu** (l. 435), **bem brasileira** (l. 661)

Além da expressividade manifestada na citação de fala em si mesma, enquanto estratégia que permite presentificar a personagem trazida de outro evento convencional, insistimos em frisar que esse recurso permite também a teatralização e dramatização da fala, por meio de recursos coocorrentes e potencializadores, como a entonação modulada, o ritmo sintonizado, as hesitações sinalizadoras de autenticidade, o próprio contexto cognitivo e situacional e outros.

Nesse sentido, a citação de fala contém muito de real, mas também um pouco – ou muito – de imaginário, uma vez que, ao reproduzir e recriar, o falante, consciente ou inconscientemente, se intromete no ato recriado.

Se examinarmos outros inquéritos, poderemos observar e constatar não só a alta frequência das falas citadas na conversação real, como também o alto grau de envolvimento do falante e do ouvinte com os próprios enunciados relatados, definindo, em consequência, um alto envolvimento entre os parceiros, o que, no nosso entender, torna expressivos, ou mais expressivos, os próprios enunciados e a própria interação.

BIBLIOGRAFIA

- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (orgs.) (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. v. II Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T.A. Queiroz / FAPESP.
- GARCIA, Othon M. (1980) *Comunicação em prosa moderna*. 8 ed. Rio de Janeiro, FGV.
- MARCUSCHI, L. A. "Citação de falas na interação verbal como edição idealizada" (mimeo)
- MARTINS, Nilce Sant'anna (1989) *Introdução a estilística – a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo, T.A. Queiroz.
- PRETI, D. (1984) *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo, T.A. Queiroz.

78 URBANO, Hudinilson. *A citação direta de fala como marca de expressividade. Língua e Literatura*, nº 23, p. 63-78, 1997.

REYES, Graciela (1993) *Los procedimientos de cita: estilo directo y estilo indirecto*. Madrid, Arco/Libros.

ULLMANN, Stephen (1968) *Language y estilo*. Madrid, Aguilar.

ABSTRACT: *The expressiveness resources of spoken language are several. The presente work point out the direct speech, which it shows proper features of procedure that is more spontaneous and less systematic than written language, including with constructed strategies in the proper interaction. By means of the direct speech, the narrator shows his degree of emotion and he obtains of his hearer special degree of involvement.*

Keywords: *Spoken language, direct speech, expressiveness.*